



rumores e ruídos

DO TÍTULO

Perdão, leitor! Este artigo deveria ter precedido todos os demais. Por razões alheias à minha vontade, não foi possível. Segue agora no entremeio. Não interferirá na compreensão dos anteriores nem dos vindouros. Assim, pago-me da tarefa. Espero que lhe agrade.

Ocorre que, quando recebi o amável convite para escrever essas linhas semanais, tive que dar um título que as designasse e enviar, de antemão, algumas explicações para tal escolha e para os temas de que trataria. Duas intenções me assaltaram: discutir assuntos que provocaram ou provocariam rumores, falatório, vozerio, opiniões contrárias e que, ao mesmo tempo, partissem ou gerassem ruído, conceituado este, do ponto de vista das teorias da comunicação, como o que atrapalha o consenso, dificulta a compreensão, desvia a centralidade da questão. Logo me lembrei do belo título de um dos livros do crítico francês Roland Barthes: “O rumor da língua”. Perfeito para os meus propósitos! Afinal, a literatura é a expressão mais potente dos sistemas linguísticos. Além do mais, toda manifestação artística se origina de uma linguagem coletiva ou cria uma particular.

Agora que expliquei o título, passo a escrever o artigo de hoje movida pelo alarido em torno dos resultados do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e por recentes matérias jornalísticas sobre “o capital” que constitui o domínio da língua materna para os processos seletivos de qualquer profissão. O IDEB leva em conta dois fatores que interferem na qualidade da educação: fluxo escolar e médias de desempenho nas avaliações do INEP. Sua meta é calculada de acordo com a relação entre o resultado de cada escola e município, obtido em 2005, e a projeção feita pelo MEC para 2021. Como instrumento de avaliação do ensino, um índice é apenas um número que deveria fomentar, urgentemente, a análise de uma conjuntura em que estão presentes fatores muito adversos: professores mal remunerados, falta de investimentos nos cursos de licenciatura, administrações escolares duvidosas



e, sobretudo, a ausência de políticas públicas capazes de abrandar as distorções municipais e regionais.

A língua portuguesa é uma das disciplinas avaliadas. Os resultados insuficientes em âmbito nacional são inquietantes. Como professora, hoje, exclusivamente de cursos de Graduação e Pós-Graduação, fico desolada com a extrema dificuldade dos jovens egressos do Ensino Médio com a expressão oral e escrita de seus pontos de vista e argumentos e, por consequência, com a clareza e a coerência das reflexões oriundas de seus estudos em outras tantas disciplinas. Minha desolação vem da evidência de que a língua materna, cuja aquisição se dá bem antes de qualquer processo de alfabetização, é um grande algoz que nos interpela qual esfinge: “Decifra-me ou te devoro”. Além da condição de língua materna, o português, como disciplina, está presente em todos os anos do Ensino Fundamental e Médio. São, no mínimo, 12 anos de exposição a ela nas escolas. Por que então esse fracasso do qual, como professores, somos parte, embora não exclusiva.

Onde nos perdemos? No abandono do método da abelhinha? Na euforia do construtivismo? Na condição de não leitores? Na sedução das novas tecnologias? Na imersão numa cultura eminentemente audiovisual e de massa? Ora, não esbravejemos, nem fechemos os olhos para justificar, por um viés sociolinguístico, o abandono do entendimento da norma culta. Lembremos que é, por intermédio dela, que as provas do INEP são preparadas.

Explicar os assassinatos ortográficos não me parece difícil. Se não há fixação da grafia por exercícios com alguma repetição ou pela leitura intensiva que crie uma memória visual das palavras, não há como retê-las. Para um aluno que precisa tão somente do domínio instrumental da língua, ou seja, aquele para quem a língua não é um fim - como é o caso de professores, jornalistas, advogados - pouco importa que não saiba explicar por que ITAÚ tem acento no “u” e CAJU, AÇU, GUARUS não.

A ortografia, embora pareça o estrago mais visível no ensino, não é mais grave do que a falta de clareza e coerência na enunciação das ideias. Aqui está



rumores e ruídos

nosso grande naufrágio. De que adianta uma bela ideia na cabeça se ela não é capaz de ser traduzida de forma límpida e sem ruídos e ambiguidades não intencionais? Pergunto a você, fino leitor, como explicar ao nosso dileto aluno que ele não disse o que pensou dizer, que, por exemplo, o período “o jogo foi suspenso, embora o gramado estivesse alagado” não faz nenhum sentido, pois não expressa uma adversidade, uma concessão, e que o correto seria dizer que “o jogo foi suspenso, porque o gramado estava alagado”. Ele pode lhe retrucar que, ao digitar o texto no seu potente notebook, o corretor ortográfico do WORD não lhe apontou nenhum problema. De fato, não há nenhum problema ortográfico. A questão é sintática: a coesão das partes do enunciado.

Portanto, não é de estranhar que, no jornal “O Globo” de 28/08/2012, Max Gehreinger, renomado consultor de carreiras, diga que “conhecer bem o próprio idioma faz a diferença”, já que 90% dos candidatos a vagas de emprego são eliminados, na fase inicial do processo, por causa do português em sua maioria. Que ruído rumoroso!